

**A pedra que veio lá do infinito:
o meteorito de Bendegó e o Museu Nacional**

Jezulino Bragaⁱ

*O povo todo fez festa
Por conta da pedra santa
Pois ela veio do céu
Pra trazer esperança
Além do profeta da gente
Riqueza e temperança*

(A saga da Pedra do Bendegó-Cordel)

Resumo: O texto recupera as trajetórias do meteorito do Bendegó que estava exposto no hall de entrada do Museu Nacional. Destaca a importância desta descoberta científica e as apropriações dos nordestinos sobre o meteorito. Recupera os contextos sócio-históricos que cercaram as diversas tentativas e efetivação do transporte do Bendegó até o Museu Nacional analisando, principalmente, o *Relatório Oficial* de José Carlos de Carvalho – responsável pela coordenação da expedição que conduziu o meteorito para o Rio de Janeiro entre 1887 e 1888.

Palavras-chave- Meteorito de Bendegó-Museu-Exposição

**The stone that came from infinity: the Bendegó meteorite and the
National Museum**

Abstract: The text retrieves the trajectories of the Bendegó meteorite which was exposed in the entrance hall of the National Museum. The importance of this scientific discovery and the appropriations of the meteorite by northeastern people are highlighted in the approach. The social and historical contexts that surround the various attempts and the accomplishment of the meteorite's transport to the National Museum are recovered through the analysis, for the most part, of *Official Report* from José Carlos de Carvalho – responsible for the coordination of the expedition which transported the meteorite to Rio de Janeiro between 1887 and 1888

Keywords: Meteorite-Museum-Exhibition

Por quase 200 anos o Museu Nacional abrigou um enorme objeto colocado em cima de um pedestal de mármore: o meteorito de Bendegó. No pedestal estava



gravada a origem do meteorito e o ano em que foi trasladado para o museu. Foi encontrado em 1784 nas proximidades do riacho de Bendegó no sertão da Bahia e trasladado para o museu no final do Império em 1888.

Trata-se do maior exemplar da coleção brasileira de meteoritos e ocupa a 16ª posição entre as maiores massas de ferro-níquel de origem espacial catalogadas em todo mundo. No ano de 1889 uma réplica do meteorito foi enviada para a Exposição Universal que aconteceu em Paris representando o maior meteorito exposto em um museu no final do século XIX.ⁱⁱ A escolha deste objeto emblemático para a exposição expressa a importância científica do meteorito que passou a fazer parte da coleção do museu.

Este texto analisa documentos referentes à transladação do meteorito para a cidade do Rio de Janeiro, discutindo como se deu a musealização do objeto com foco nas apropriações pessoais, negociações e conflitos inerentes à sua história própria. Para apresentar os contextos sócio-históricos que cercaram as diversas tentativas e efetivação do transporte do Bendegó até o Museu Nacional, baseamos principalmente no *Relatório Oficial* de José Carlos de Carvalho – responsável pela coordenação da expedição que conduziu o meteorito para o Rio de Janeiro entre 1887 e 1888 – bem como no estudo de Orville A. Derby de 1895, publicado no volume 09 (nove) dos *Anais do Museu Nacional*.

Os objetos têm uma história própria, acumulada pelos caminhos percorridos antes de entrarem nos museus. Neste sentido recuperamos também o documentário *Cuitá, a Pedra do Bendegó*, de Marcelo Ribeiro, que dá voz aos moradores do lugar onde o meteorito foi encontrado, revelando histórias e lendas sobre a misteriosa pedra que veio do céu. Atualmente, existem iniciativas para que o meteorito retorne ao sertão da Bahia como o projeto *A volta do Bendegó: História, Cultura e Desenvolvimento* que teve uma equipe ligada à Universidade Estadual da Bahia.



Os objetos, antes de chegar aos museus, possuem uma história ligada a apropriações pessoais, negociações e conflitos. O referente material, nesse caso o objeto, é apenas um elemento na complexa construção simbólica que originalmente marcou sua vida até chegar às exposições dos museus. Para Greenblatt, no caso do objeto visualizado em galerias e museus, dois processos devem ser considerados: a ressonância e o encantamento.

Será mais fácil apreender os conceitos de ressonância e encantamento examinando a maneira como nossa cultura apresenta para si mesma, não os vestígios textuais de seu passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois estes últimos estão colocados em exibição em galerias e museus projetados especificamente para este fim. Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocarem que os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque. Por encantamento entendo o poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada (GREENBLATT, 1991).

O autor afirma que no caso dos vestígios visuais é necessário reduzir o isolamento, revelar a história de sua apropriação e as circunstâncias em que chegaram a ser exibidos, e restaurar a tangibilidade, no sentido de permitir que, por meio da ressonância, sejam provocados gestos imaginativos que potencializem a relação com o objeto.

A pedra que veio do Céu

De acordo com o *Relatório* apresentado ao Ministério da Agricultura Comércio e Obras Públicas (1888) o meteorito de Bendegó foi encontrado em 1784 por Joaquim da Motta Botelho, garoto de apenas 14 anos que campeava gado no sertão nordestino. Por conhecimento tácito, o pequeno vaqueiro acreditou ser a pedra de



extraordinário valor por supor conter ouro e prata. Segundo os relatos orais, mesmo em sol escaldante a magnífica pedra permanecia com temperaturas baixas.

Ao tomar conhecimento da pedra, o governador D. Rodrigues Menezes ordenou o transporte do meteorito até a capital Salvador, acreditando que pudesse ter algum valor comercial. Na tentativa de transporte para a capital foi usado um carretão puxado por doze bois. O peso extremo fez com que a rocha se desprendesse do carretão e rolasse ladeira abaixo caindo no leito do riacho a cerca de 200 metros do local original onde foi encontrado.

Ali o meteorito de Bendegó ficou por mais de 100 anos e foi objeto de pesquisa de Aristides F. Mornay (1779 – 1855) que a reconheceu como sendo de fato um meteorito. Com alguma dificuldade, o cientista conseguiu arrancar-lhe pequenos pedaços, remetendo-os junto com suas anotações para o químico inglês Willian H. Wollaston (1766 – 1828), seu amigo e secretário da *Royal Society*, que em 1816 publicou um artigo sobre o meteorito no famoso jornal da entidade, o *Philosophical Transactions* (VIDAL, 1945).

No século XVIII, os naturalistas Spix e Martius já encontraram o meteorito profundamente enterrado próximo ao leito do rio e com grandes saliências causadas pela população local que, ao longo dos anos, passou a retirar pequenos fragmentos do que chamavam de pedra sagrada que veio do céu. Para retirar as amostras os dois viajantes naturalistas empilharam madeira e atearam fogo sobre o meteorito, mantendo-o aceso por vinte e quatro horas. No dia seguinte conseguiram retirar fragmentos, cujo maior deles está na coleção do Museu de Munique.ⁱⁱⁱ

O meteorito ficou esquecido até 1883, quando o professor Orville A. Derby, do setor de geologia do Museu Nacional, solicitou informações aos engenheiros responsáveis pelas melhorias no Rio São Francisco sobre seu real estado e



localização. Em carta datada de 31 de dezembro de 1883 o Dr. Theodoro Sampaio informa que:

Quanto ás informações, que me pede a respeito da massa de ferro meteorico, pude apenas colligir os seguintes:
Pessoa que a viu, pois esta massa de ferro é bastante conhecido nos sertões de Monte Santo, diz que o sitio onde ella pára se denomina Bendegó, é uma fazenda de criar, situada a margem do riacho daquele nome, affluente do rio Vasa-Barris, cerca de 12 para 14 léguas a N. E. da villa de Monte Santo e cerca de 27 a 30 da povoação de Queimadas, onde passa a via ferrea em construcção. O meu informante refere que um indivíduo, proprietário da referida fazenda, já tentara com o auxilio de muitas juntas de bois retirar a referida massa de ferro do leito do riacho, mas o tamanho della, o peso, a falta de meios adequados para a mover, foram a causa do jnsuccesso (sic) (CARVALHO, 1928).

Após esta primeira notícia, o então diretor do Museu Nacional solicitou mais informações sobre o meteorito, e encarregou o engenheiro Vicente José de Carvalho de verificar os meios de transferir o objeto para o museu no Rio de Janeiro.^{iv} A construção de uma estrada de ferro que chegaria a um ponto próximo ao lugar onde se encontrava o meteorito foi, também, um dos motivos para iniciar um novo projeto de remoção do Bendegó.

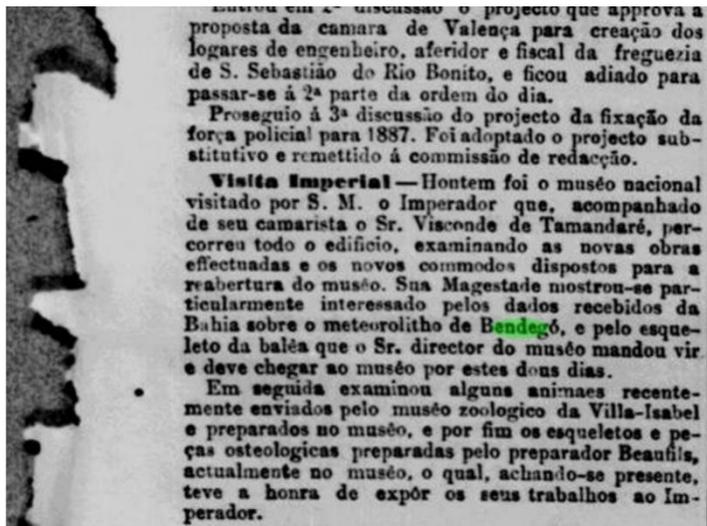
A partir desta primeira notícia o tema foi levado às sociedades científicas do Brasil, que iniciaram discussões acerca da importância do meteorito. Nas sessões de 27 de maio e de 03 de junho de 1887 da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o senhor José Carlos de Carvalho, oficial reformado da Marinha, ofereceu-se tanto para chefiar a missão como para angariar fundos para a tarefa de transportar o meteorito (DERBY, 1895).

Foram publicados na imprensa do Rio de Janeiro notícias sobre o achado nos sertões da Bahia, incluindo nota no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 05/07/1887 relatando uma visita de Sua Majestade Imperial ao museu. Com a notoriedade do caso, o Barão de Guahy ofereceu a quantia necessária para o



transporte, como uma forma de se destacar socialmente, uma vez que participar de atividades científicas e contribuir para o progresso da nação representavam, no final do XIX, formas de inserção em círculos restritos da sociedade. Era uma garantia de *status* adquirido que ia além do patrimônio financeiro.

Fig. 01



Legenda: s.d., s.d., s.d., Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 05/07/1887, Biblioteca Nacional: Acervo Digital. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pagfis=2215. Acesso em: 15/11/2018.

Para o transporte do Bendegó foi designado o engenheiro José Carlos Carvalho, oficial experimentado na Guerra do Paraguai, que mais tarde recebeu o título de Barão de Bendegó em virtude de seu grande feito para o Império brasileiro. Era comum que os grandes capitalistas do Império se aproximassem do Estado por meio de ações que levassem ao progresso da nação. Não bastava participar das sociedades científicas, mas se distinguir de alguma forma dentro destas associações marcadas por forte elitismo de seus membros.

As sociedades de ciência foram fundadas no Brasil no século XIX, acompanhando o mesmo movimento que acontecia na Europa. A publicação de artigos nestas sociedades objetivava dar conhecimento ao mundo sobre a estrutura geográfica do

território brasileiro, uma vez que este conhecimento significava, também, a possibilidade de futuros investimentos de indústrias no país. Estas associações tiveram papel fundamental na consolidação do Estado Nacional, uma vez que assentaram as bases do progresso científico, rompendo com o passado colonial e incentivaram a ocupação do território, criando novas representações sobre a nação (GUIMARÃES, 1988).

A *Gazetilha* do Jornal do Comércio, de 18/08/1887 e no dia 07 de setembro de 1887, noticiou que nas comemorações da independência foram iniciados os trabalhos para a remoção do meteorito com um ato cívico às margens do rio, onde foi erguido um marco em homenagem ao Imperador. A data escolhida para o início dos trabalhos reforça a importância do Bendegó na construção simbólica da nação. Iniciava ali a trajetória do meteorito até o Rio de Janeiro, onde permaneceu até o incêndio na coleção do Museu Nacional.

A exposição do Bendegó por meio do discurso científico no Museu Nacional

Em 15 de junho de 1888 o Bendegó foi desembarcado por efetivo do Arsenal de Marinha, local para onde o meteorito foi conduzido e recebido pela Princesa Isabel, seu marido, o Conde d'Eu, e pelo diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto.^v A presença da princesa Isabel representando o imperador em vários atos públicos tinha um interesse político claro: a aposta em um terceiro reinado. Estávamos no final do século XIX e a monarquia já apresentava desgastes como modelo político para o país.

Assim que foi depositado no Museu Nacional, no Campo de Santana, o meteorito foi objeto de estudos publicados nas principais revistas de ciência nacionais e internacionais, entre eles a publicação de Stanislaw Meunier em um periódico francês, *La Nature*, em que descreve a importância do meteorito para a ciência (DERBY, 1985).



Em sua pesquisa de mestrado, Sabrina Silva destaca a importância da musealização do Bendegó e a inserção do objeto dentro de um discurso científico nacional. Para a autora, as formas de exposição do meteorito relacionam-se ao discurso sobre a ciência e nação brasileira, que foi construído pelo Museu Nacional (SILVA, 2010). Toma como indício as imagens feitas ao lado do Bendegó como a da foto a seguir, que foi tirada por ocasião da visita de Albert Einstein em 1925, acompanhado da Academia Brasileira de Ciências, do Observatório Nacional e da Escola Politécnica. A visita de políticos, cientistas e outras autoridades ao Museu tinha quase como obrigatoriedade uma foto ao lado do meteorito. Damasceno estuda as formas de inserção do meteorito nas exposições do museu, destacando a importância deste objeto emblemático na coleção.

Fig. 02



Fonte: <https://saemuseunacional.wordpress.com/2013/02/19/museu-de-curiosidades-1/>. Acesso em: 15/11/2018

Com soluções expositivas cada vez mais sofisticadas, os museus são essencialmente narrativos. Por meio de objetos, focos de luz, discurso dos educadores, mídias e textos, as equipes dos museus constroem argumentos que são apresentados ao público visitante com maior ou menor poder de convencimento sobre determinado argumento.

O Museu Nacional foi fundado em 1818 como centro de ciência e cultura na corte, acompanhando outras instituições congêneres na Europa. Lutou contra a falta de

investimentos, formou sua coleção, estabeleceu campos de pesquisa e institucionalizou a ideia de ciências naturais no Brasil (LOPES, 1997).

A “pedra que veio do céu”, e sua apresentação como objeto emblemático, em um expositor de mármore com placas inscritas sobre sua origem e chegada ao Museu, está relacionada ao caráter universal e ao mesmo tempo nacional pretendido pela ciência no Brasil. O Museu Nacional se apresentava como possuidor de uma coleção nacional com interesses para a construção de conhecimento científico das diferentes partes do mundo.^{vi}

O engenheiro almirante José Carlos de Carvalho, também fez questão de ser fotografado ao lado do Bendegó, juntamente com Roquette Pinto, conhecido como “homem de ciência”, que dirigiu o Museu Nacional entre 1926 e 1935.

Fig. 03



Fonte: <https://saemuseunacional.wordpress.com/2013/02/19/museu-de-curiosidades-1/>Acesso em: 15/11/2018.

O antropólogo Roquette-Pinto, quando esteve diretor do museu, criou em 1919 a SAE (Seção de Assistência ao Ensino), que tinha como objetivo a difusão da ciência para educar as pessoas, através do que viam nas visitas às exposições ou das imagens estampadas em material de divulgação produzidos pelo museu.

A SAE pode ser vista como o primeiro setor organizado para a educação em museus no Brasil. Ao assumir o papel educativo, os museus marcam sua especificidade e ampliam ações que fortalecem o uso educativo de suas exposições; propõem relações com a comunidade e com as escolas, dinamizando e publicizando suas exposições, e rompem com a visão de uma caixa monumento que encapsula a memória em objetos e legendas, sem se preocupar com as inquiuições próprias do social vivido.

Em 1928 Roquette Pinto inaugurou um laboratório equipado para aulas de história natural, com projetor de slides e de filmes para promover cursos e conferências, e editou o livro *Elementos de Mineralogia* com textos didáticos, que seria aplicado na formação de professores com o objetivo de difundir a ciência na educação básica (PINTO, 1918). O diretor entendia que o museu deveria ser a universidade do povo, e lançou mão de diferentes estratégias e meios de comunicação, incluindo conferências, textos, revistas, exposições, filmes e programas de rádio.

Em 1937, no Estado Novo getulista, Heloísa Torres assumiu o Museu Nacional. Sua gestão foi marcada por uma reformulação no espaço expositivo e pelo tombamento do Palácio de São Cristóvão. Nesse período, o meteorito foi transferido para outra sala, compondo a exposição sobre os meteoritos:

Nesse espaço expositivo, eram exibidos diversos exemplares da coleção de meteorítica do Museu Nacional. Uma base de concreto estruturada com vergalhões foi erguida para que o objeto fosse assentado. Nenhuma fonte consultada faz referência a qualquer resolução acerca das bases originais com as inscrições, acerca do transporte ou esclarece os motivos para seu abandono. Os três suportes de mármore não foram guardados pela instituição, sendo posteriormente recuperados nos jardins na Quinta da Boa Vista em 2005. Nos anos que se seguiram, a entrada do museu sofreu modificações, bem como a exposição sobre os meteoritos, que ganhou novas vitrines sobre o processo de identificação e coleta dessas peças e sua incidência de queda no território nacional; pinturas “artísticas” – remetendo à sua trajetória



no espaço - foram feitas junto ao “Bendegó” e do meteorito “Santa Luzia” (SILVA, 2010).

Somente em 2005 o meteorito voltou para o *hall* de entrada do museu, nas bases originais que estavam esquecidas nos jardins do palácio. O processo de reinserção do objeto em seu espaço original foi iniciado com as discussões de um projeto de exposição temporária chamada *Memória de Visitantes*, em que a foto de Albert Einstein, reproduzida acima, foi exposta em uma das vitrines.

O meteorito permaneceu no hall até o dia 02 de setembro de 2018 quando aconteceu o incêndio de grandes proporções no Museu Nacional. O Bendegó passou pelo segundo incêndio em sua trajetória na terra. O meteorito fazia parte de uma coleção com mais de 400 pedaços de corpos celestes e estava abrigado dentro do Departamento de Geologia da instituição.

Os saberes populares e a Pedra do Bendegó

A transferência da pedra encontrada por um pequeno vaqueiro no interior do sertão nordestino para o Museu Nacional teve como fundamento a argumentação científica. A racionalidade da ciência foi contraposta à vontade popular, que via aquele objeto como um talismã, uma pedra sagrada que veio do céu. Para a construção da ideia de nação impunha-se uma visão de ciência em uma região profundamente marcada pelo conhecimento tácito aliado a crenças religiosas.

Em mil setecentos
E oitenta e cinco
Foi a primeira tentativa
De profanar nosso recinto
A magia ia reinar
Contra nossos inimigos
O governador geral da Bahia
Com usura indisfarçada
Ordenou esta tentativa
Pensando ser ouro e prata
Doze juntas de boi,
Buscar a pedra sagrada



A pedra caiu às margens
Do riacho Bendegó,
Estava claro era um sinal
De Deus na terra do sol
Ficaria cento e dois anos
Sem mover-se a um metro só
Depois de tanto tempo
De fé e procissão
A pedra do Bendegó
Sofreu nova traição
Pois Dom Pedro Segundo
Mandou nova expedição (NEVES, s/d)

Estes versos de literatura de cordel marcam a importância afetiva do meteorito para o povo do sertão. No cordel, como a pedra incandescente que guiou os três reis magos até o local do nascimento de Jesus, segundo a narrativa bíblica, o Bendegó caindo do céu era o prenúncio da vinda de Antonio Conselheiro, líder de Canudos que lutou contra a opressão do povo nordestino durante a República velha. O povo sentiu-se traído pelo Estado que levou a pedra para longe do sertão.

O trem levou ao porto
A nossa pedra bonita
De navio a pedra foi
À quinta da Boa Vista
Foi à mão dos cientistas
Numa atitude egoísta
Assim que a pedra chegou
As mãos que não crêem em mitos
Cortaram logo um pedaço
De uns bons sessenta quilos
Se achares que exagero
Vejam o meteorito
Pegaram o pedaço
Que eles cortaram primeiro
Em quatorze partes iguais
Re-dividiram ligeiro
Só pra doar à quatorze
Museus pelo mundo inteiro (NEVES, s/d)

No ponto de sua queda se construiu um monumento de pedra em forma de agulhapiroamidal, conhecido como Obelisco de Dom Pedro II. O monumento em



formato piramidal tinha em uma das faces homenagem à Princesa Isabel e ao Imperador Pedro II, na outra ao Ministro da agricultura Rodrigo Silva e ao Visconde de Paranaguá e, por fim, aos membros da Comissão de Transporte do Bendegó. Poucos anos depois este marco foi destruído por moradores da região, durante a Grande Seca, por crerem que a seca era um castigo do céu pela retirada da pedra. Foi a reação à atitude dos cientistas de retirarem a pedra do povo do sertão.

No documentário *Cuitá, a Pedra do Bendegó* (RABELO, 2002), fica evidente o misticismo na relação com meteorito, em apropriações de memória feitas pelos moradores da região que viam a pedra como “encantada”, e viram como uma afronta a transferência do meteorito para o Rio de Janeiro. A transferência da pedra para o Museu Nacional desconsiderou todas as apropriações culturais por um discurso racionalista de ciência. Na tradição do local, a pedra encantada foi um presente do céu para proteger os sertanejos, influenciando nas chuvas e evitando as secas.

Dona Anjinha, 102 anos, não vê mais perspectivas para o sertão, pois levaram a pedra encantada. As dificuldades encontradas para o transporte do meteorito foram lidas pela comunidade como uma vontade subjetiva da pedra de permanecer na região.

Fig. 04



Legenda: RABELO, Marcelo; Cuitá, a pedra do Bendegó; *Printscreen*; s.d., Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZT5Ht-hD4y8>>. Acesso em: 20/11/2018.

Em 2011 o CNPC (Conselho Nacional de Política Cultural) recomendou a volta do meteorito para o interior da Bahia. A decisão se baseou nas orientações internacionais da UNESCO, que orienta o retorno às comunidades de origem de bens patrimoniais expatriados. A UNEB (Universidade Estadual da Bahia) instituiu pela Portaria 3260/2014, publicada no Diário Oficial do Estado (DOE), uma comissão para elaboração do projeto:

O projeto **A Volta do Bendegó** consiste na sensibilização, retorno e a seguir instalação de equipamento público que abrigue o meteorito e ao mesmo tempo possibilite ações de cultura, ciência e desenvolvimento regional no sertão baiano. Para realizar este conjunto de atividades, foi constituída uma Comissão formada pelas Universidades do Estado da Bahia, Federal da Bahia, Federal do Recôncavo Baiano e Estadual de Feira de Santana, que realizam pesquisas sobre a influência e importância do meteorito nas comunidades do sertão e de toda Bahia, do Brasil e do mundo, já que o Bendegó é um dos maiores meteoritos identificados em nosso planeta (RIBEIRO, 2014).

Para sua viabilização, o projeto foi dividido em três fases: sensibilização, retorno e permanência. Na sensibilização, a proposta é constituir um *Bando Anunciador*, cuja tradição remonta ao período colonial. Este bando percorria as ruas das cidades,

anunciando festejos para que os mesmos tivessem sucesso. No caso do projeto, foram definidas 12 aulas-show que apresentariam a história do meteorito, desde sua descoberta até a transferência para o Museu Nacional.

Outra ação de sensibilização se daria nas escolas de educação básica, intitulada *Concurso Cultural a Volta do Bendegó*, incentivando o estudo de temas relacionados aos meteoros, com produção de textos literários, música e cordel. Os estudantes vencedores receberiam um kit de observação de estrelas. A UNEB (Universidade Estadual da Bahia) ampliaria esta ação desenvolvendo oficinas sobre astronomia.

Após este processo de sensibilização o meteorito seria transportado de volta para Bahia, sendo instalado no Parque Estadual de Canudos. Criado em 1986, o parque se localiza na cidade de Canudos (BA), compreende uma área de 1.321 hectares, que abriga valiosos sítios históricos, arqueológicos e antropológicos e proporcionam a realização de pesquisas acadêmicas.

Em Salvador, no Museu Geológico da Bahia existe uma réplica do meteorito de Bendegó. Neste museu, o meteorito está exposto em uma sala que narra os meteoritos no Brasil, destacado como o 16º lugar em tamanho de corpos celestes que se têm notícia.

Considerações Finais

A legitimação do conhecimento científico levou a uma aventura que chama atenção na história da formação das coleções dos museus: a transferência de um meteorito com mais de 5 mil quilos do sertão nordestino para a cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX.

Encontrada no final do século XVIII, a pedra se destacava no sertão, pois mesmo em fortes temperaturas ainda estava gelada. Logo se espalhou a notícia da descoberta e o boato de que se tratava de uma pedra preciosa. Por meio de decreto

o governo colonial confiscou a pedra, e ordenou sua retirada do sertão para a capital Salvador. A primeira tentativa foi colocá-la em um carro puxado por 12 juntas de bois, mas, no caminho, a pedra rolou ladeira abaixo e se assentou na beira de um rio. Neste lugar o meteorito ficou por mais de 100 anos até nova tentativa de transporte, que obteve sucesso, e hoje o meteorito compõe a coleção do Museu Nacional.

As coleções dos museus ressoam as experiências dos sujeitos, revelando histórias que criam outras narrativas que estão silenciadas na exposição. O meteorito de Bendegó pode ser usado para debater forças culturais complexas e dinâmicas da região em que foi encontrado. Talvez seja possível inseri-lo em outras perspectivas expográficas que extrapolem sua natureza científica. Para tanto, é necessário que os museus investiguem suas coleções a partir de outros protocolos, mais sensíveis e menos racionais, revelando as tramas de um fragmento espacial que vive uma transmutação, de objeto sagrado a objeto museal, constituindo-se por meio de práticas, memórias e narrativas.

Referências bibliográficas

CARVALHO, José Carlos de. *Meteorito de Bendegó: histórico do meteorito de Bendegó, tentativas feitas para sua remoção do sertão da província da Bahia para o Museu Nacional*. Rio de Janeiro: 1928

DERBY, Orville A. “Estudo sobre o Meteorito de Bendegó”. In: *Archivos do Museu Nacional*, v. 9, p. 89-184. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1895

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, p.244-261. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1991

GUIMARÃES, Manuel Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1988

LOPES, Maria Margareth. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997

NEVES, Aidner Mendez. *A Saga da Pedra do Bendegó*. Salvador: Literatura de Cordel. Disponível em: <<https://meteoritosbrasileiros.webs.com/pdf/pedraredengo.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2018

PINTO, Roquette. *Elementos de Mineralogia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1918

RABELO, Marcelo. *Cuitá, a pedra do Bendegó*. 2002. (15m01s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZT5Ht-hD4y8>>. Acesso em: 03 dez. 2018

RIBEIRO, Zezéu; RIBEIRO, Pola. *A volta do Bendegó: História, Cultura e Desenvolvimento*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2014. Disponível em: <<http://www.uneb.br/files/2014/08/bendego.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2018

SILVA, Sabrina Damasceno. *“O pedaço de outro mundo que caiu na Terra”: as formações discursivas acerca do meteorito de Bendegó*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, 2010

VIDAL, Nei. “Breve notícia sobre os meteoritos brasileiros (Bendegó)”. In: *Revista do Museu Nacional*, abril, p. 4-7. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1945

ⁱ Professor do curso de Museologia. Escola de Ciência da Informação/UFMG.

ⁱⁱ O original pesa cerca de 5.360 Kg, uma réplica em madeira do meteorito foi confeccionada pelo Arsenal de Marinha e enviada a Paris pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. A diretoria da



sociedade foi contemplada com medalha de prata pela participação da réplica na exposição universal.

iii Outras instituições possuem fragmentos do ‘Bendegó’, destacando-se os museus de Londres, Viena, Gottingue, São Petersburgo, Berlim, Erlanger e Copenhague.

iv Em 1886 uma amostra do meteorito chega ao Museu Nacional no Rio de Janeiro.

v José Carlos Carvalho (1928, p. 88) inclui em seu livro uma referência acerca da presença da Princesa Izabel durante os trabalhos no Arsenal de Marinha.

vi A visita de Einstein, Marie de Curie, entre outros, destacou ainda mais o Museu como *locus* da ciência.

